CORREIO DO POVO

Em outro lugar
Mover cidades inteiras para novos territórios é uma das soluções apresentadas para se lidar com a crise

Brasil em destaque
Uma série de filmes brasileiros, de diferentes épocas, estreiam neste mês de junho na Netflix

Memória e arte
O documentário 'A História do Teatro em Canela' começa a ser gravado no município da Serra Gaúcha

ANO 129
Nº 246
PORTO ALEGRE
DOMINGO
2/6/2024



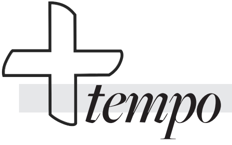
RS, SC - R$ 4,50 | POA - R$ 4,00

Proteção em xeque

Problemas nas estruturas que fazem parte do sistema contra cheias de Porto Alegre, que se romperam ou extravasaram em diferentes pontos, provocaram alagamentos em bairros da zona Norte da Capital

DOMINGO+

RICARDO REINBRECHT / ESPECIAL / CP



Domingo tem sol e tarde quente

O sol aparece em todo o Rio Grande do Sul neste domingo, mas acompanhado de nuvens. O dia novamente começa com nevoeiro, neblina e nuvens baixas em diferentes pontos, mas que depois se dissipam. No final do domingo, frente fria pode trazer chuva em locais do oeste, campanha e o extremo sul. O domingo começa frio, embora menos intenso que nos últimos dias, e o ingresso de ar quente precedendo a frente fria traz uma tarde quente para os padrões de junho, até com 27ºC ou 28ºC em algumas cidades.

Previsão para Porto Alegre:

DOMINGO	SEGUNDA
	
13º 26º	10º 14º



GRUPO RECORD RS

CORREIO DO POVO

FUNDADO EM 1° DE OUTUBRO DE 1895
EMPRESA JORNALÍSTICA CALDAS JÚNIOR

DIRETOR PRESIDENTE
Marcelo de Sousa Dantas
presidencia@correiodopovo.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO
Telmo Ricardo Borges Flor
telmo@correiodopovo.com.br

DIRETOR COMERCIAL
João Müller
jmuller@correiodopovo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
Fone (51) 3216.1600 e 0800.0099100
atendimento@correiodopovo.com.br
Atendimento presencial:
Rua Caldas Júnior, 219
das 8h30min às 17h
Redação: Rua Caldas Júnior, 219
Porto Alegre, RS
CEP 90019-900 | Fone (51) 3215-6111

COMERCIAL
Atendimento às Agências: (51) 3215.6169
Teleanúncios: (51) 3216.1616
anuncios@correiodopovo.com.br
Operação Comercial: Fone (51) 3215-6101
ramais 6172 e 6173
opec@correiodopovo.com.br

FILIADO



VENDA DE ASSINATURA
Fone (51) 3216-1606

Modalidade	Capital-POA	Interior RS/SC/PR
Digital (todos os dias)	R$48,00	R$ 48,00
Imp. Sáb./Dom.	R$ 71,00	R$ 78,00
Imp. Seg. a Sex.	R$ 94,00	R$ 103,00
Imp. Seg. a Dom.	R$ 109,00	R$ 119,00

VENDA AVULSA
Capital-POA: R$ 4,00
Interior/RS e SC: R$ 4,50
Demais Estados: R$ 6,00 mais frete



Leia mais em correiodopovo.com.br/blogs/**fotocorreio**

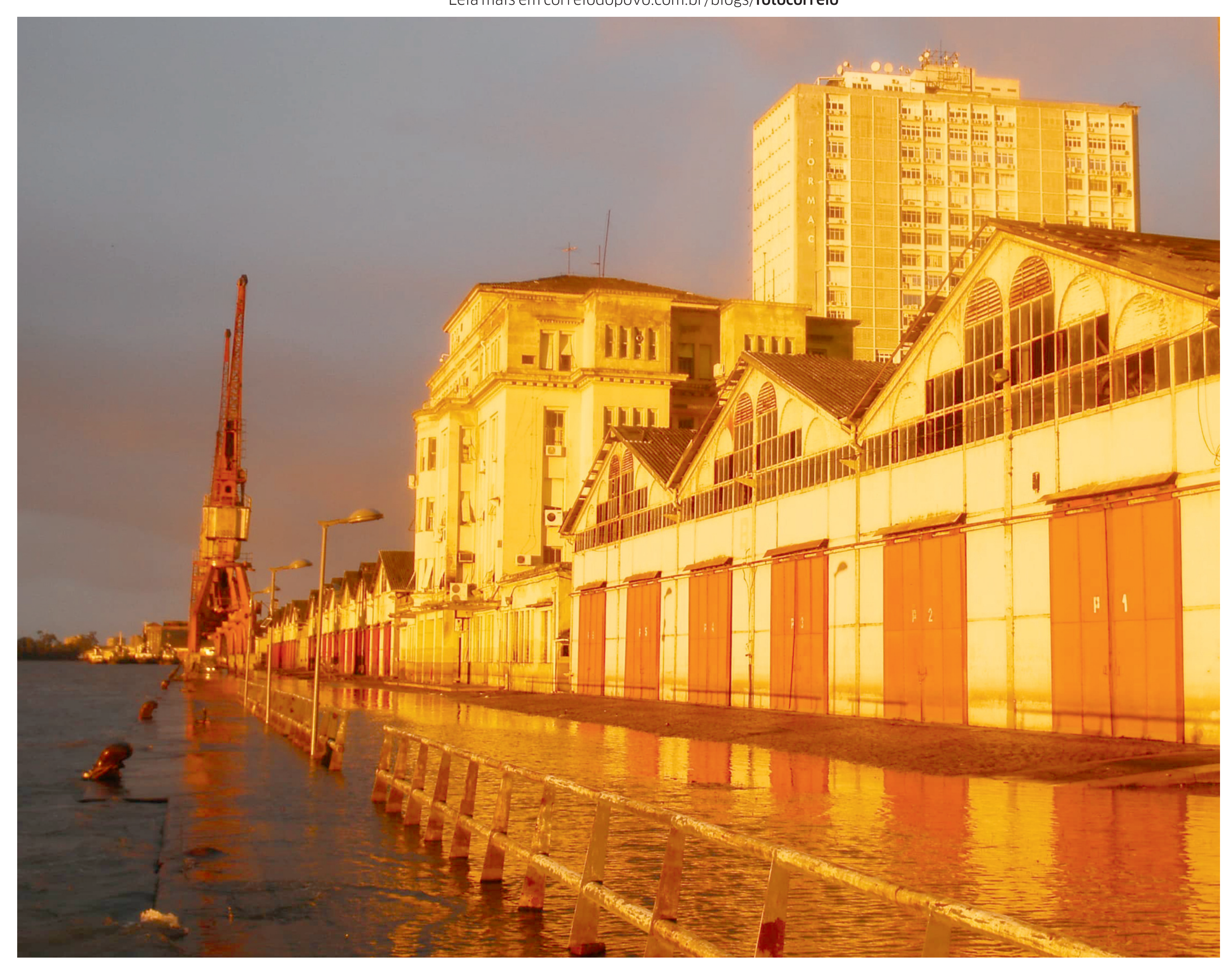


Foto: Camila Cunha | Texto: Paulo Mendes

Todos estamos retornando

Depois de mais de 30 dias, o Guaíba voltou para abaixo de sua cota de inundação, aos poucos, lentamente. Assim como nós, os alagados, os moradores de uma Capital ainda desorientada, impregnada de lixo, entulhos e mau cheiro. Muitos de nós voltamos de olhos encharcados para dentro de nossas antigas casas, nem todos ainda, para nos depararmos com cenas de um filme de terror, nonsense, teatro do absurdo. A água suja e fétida a tudo atingiu, destruiu móveis, eletrodomésticos, roupas, calçados, mas, o pior, matou nossas almas e muito de nossos sonhos. Agora estamos aqui, sozinhos, assim com o grande rio, tentando achar no meio de tudo isso um jeito de recomeçar. Onde vamos encontrar forças? Será preciso mesmo muita gana, raça, sangue e fibra, talvez a mesma que tiveram açorianos, imigrantes, negros e indígenas que construíram este Estado, a pata de cavalo, no lombo de mulas, derrubaram matarias, ergueram povoados, construíram ranchos e abriram estradas que, mais tarde se transformou num pujante pedacinho deste nosso querido e amado Brasil. Embora ainda depauperados, anunciamos ao vento: "Estamos de volta."



Leia mais em correiodopovo.com.br/**colunistas**



Taline Oppitz

Prevenir

Levantamento do Tribunal de Contas da União aponta que Brasil gasta mais com recuperação do que com prevenção de tragédias climáticas.





Aponte a câmera do seu smartphone para o QR Code acima e assista ao vídeo do colunista



Hiltor Mombach

Ótima escolha

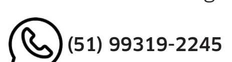
Foi uma excelente escolha, a do Grêmio, de jogar no Couto Pereira. Devemos ficar no Sul. Se não dá no Rio Grande do Sul, que seja Santa Catarina ou Paraná.





Aponte a câmera do seu smartphone para o QR Code acima e assista ao vídeo do colunista

Para mais conteúdos multimídia, siga o Correio do Povo nas redes sociais e plataformas de streaming de áudio:

 @correio_dopovo  CorreioDoPovo  correiodopovo  correiodopovoplay  (51) 99319-2245  Correio do Povo

As falhas dos diques da zona Norte da Capital

Estruturas se romperam e extravasaram em diferentes pontos e, assim como todo o sistema de proteção contra cheias de Porto Alegre, se mostraram incapazes de evitar a tragédia da qual foram projetados para conter

POR JONATHAS COSTA

Parte importante do complexo sistema de proteção contra cheias de Porto Alegre, os diques da zona Norte da cidade sofreram danos significativos durante a inundação. Assim como todo o sistema, foram projetados na cota de 6 metros para proteger as regiões que margeiam o rio Gravataí e, também como ocorreu em outros pontos da Capital, cederam ao volume de chuvas, ainda que o nível oficial deste episódio de inundação tenha ficado em 5,35 metros no Guaíba, ou menos, a depender da revisão do sistema de medição, já admitido pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente.

Entender como o sistema falhou quando mais se precisou dele ainda é tarefa pendente, que exigirá análises completas, algumas delas possíveis de serem realizadas apenas quando as águas baixarem na sua totalidade - o que, quase um mês após o início da calamidade na Capital, ainda é impreciso de prever quando ocorrerá. A sequência de acontecimentos da tragédia, contudo, já está em tempo de ser detalhadamente documentada e se tornará indispensável na revisão dos processos e posterior validação do sistema. É o que o Correio do Povo passa a fazer aqui, a partir da ótica de quem esteve diante dos fatos na região do bairro Sarandi, uma das mais populosas de Porto Alegre e que ainda segue com milhares de pessoas fora de casa, ruas inundadas e, mais recentemente, abertura de crateras em um terreno já completamente instável.

São duas grandes estruturas que protegem a região. Uma delas, a maior, é o dique que margeia o arroio Sarandi partindo da avenida Assis Brasil dando a volta em todo o bairro e dividindo-se em um braço até a BR 290 e em outro retornando até a Assis Brasil cerca de 3 quilômetros à frente. A outra estrutura segue deste ponto, no outro lado da avenida, avança por trás da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) e retorna até a avenida Caldeia. Mais ao norte, toda a freeway também é uma terceira estrutura de contenção das águas do rio Gravataí, mas em diferentes pontos permite a passagem de água por baixo por estar em uma área de várzea.

RICARDO REINBRECHT / ESPECIAL / CP

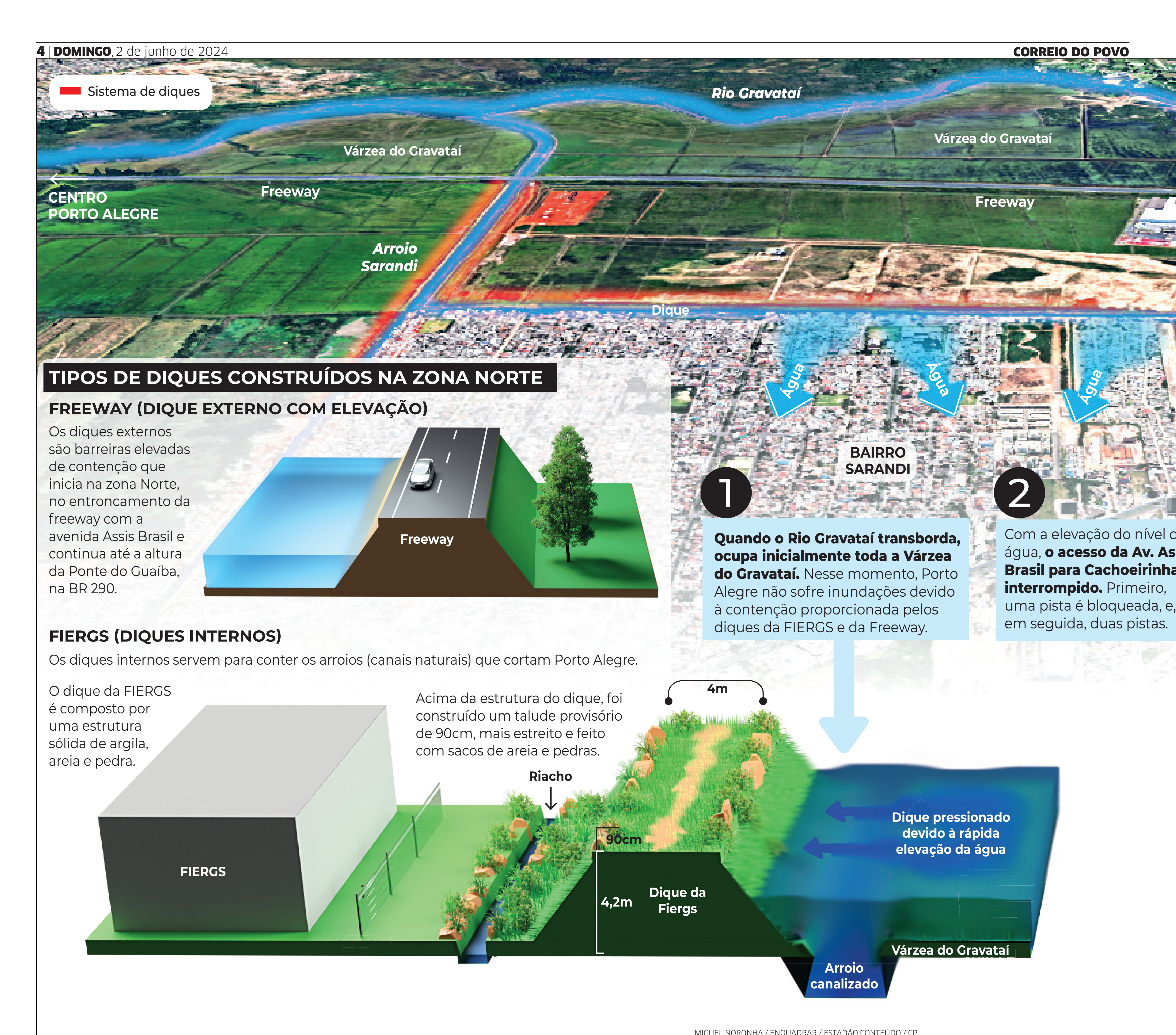


RICARDO GIUSTI



Dique da Fiergs (foto de cima) extravasou em diferentes pontos e danos foram identificados, mas processo de contenção durante o ápice da cheia impediu que avaliação real da estrutura fosse realizada até o momento. Já o dique do Sarandi (foto de baixo) se rompeu em duas partes.

As águas na região avançam de leste para oeste, em direção ao Guaíba. Pelo caminho, inundam grandes áreas das cidades de Gravataí, Cachoeirinha e Alvorada. Na Capital, os diques servem especialmente para conter os danos causados pela cheia nestas áreas de várzea. No dia 2 de maio, uma quinta-feira, a mobilização de servidores da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos no dique existente atrás da Fiergs teve início diante dos exorbitantes volumes de chuvas que atingiam a cidade naquele momento e já indicavam dias desafiadores à frente. A cheia já ocupava todo o lado leste da Assis Brasil quando, na sexta-feira, começou a subir pelo asfalto e isolar o acesso a Cachoeirinha. Com a avenida mais alta e tornando-se ela um obstáculo para o escoamento do Gravataí já fora do leito, a água represou no dique. Começava ali um trabalho de reforço de contenção da estrutura que, dois dias depois, se mostraria incapaz de conter a inundação que colocaria toda a região abaixo de metros de água e forçaria grandes evacuações.



O dique da Fiergs tem variação de altura, mas, em média, possui 4,20m. Também tem outros 4m de largura, o que permite o trânsito de veículos sobre ele. Uma contenção improvisada de cerca de 90cm foi erguida no topo do dique para tentar segurar a água que na quinta-feira já ameaçava extrapolar. Feito com sacos de areia e pedra, teve pouco sucesso. Foi na sexta-feira, dia 3, que os primeiros extravasamentos foram percebidos. O prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo, foi ao local durante à noite e em vídeo gravou uma declaração garantindo que a estrutura não havia se rompido.

Nas ruas do bairro, carros com porta-malas abertos e pessoas correndo para colocar sacolas e aparelhos eletrônicos dentro. A transmissão do jornal flagrou cadeirantes sendo colocados na carroceria traseira de uma caminhonete de maneira improvisada ao som de buzinas e gritos. O clima era de desespero. Mas havia também quem estivesse fiel à avaliação pessoal de que o pior que poderia ocorrer seria a repetição de enchentes como as de 2015 ou de 2023. Como se viu nos dias seguintes, não foi o caso. Na parte mais próxima ao arroio a água entrou no segundo andar das casas e quem ficou precisou ser resgatado de barco no domingo.

Mas a evacuação seguiu no sábado ao longo da manhã e início da tarde, enquanto a água avançava pelo arroio e de dentro do sistema de esgoto. Sobre o dique continuavam os trabalhos de contenção e na Assis Brasil mais de 20 caminhões com carga de pedras estavam enfileirados quando, por volta das 16h, a enchente venceu as equipes. A reportagem do **Correio do Povo** estava no local e testemunhou os 30 minutos que transformaram a parte seca da avenida em um rio com forte correnteza que inviabilizou o tráfego de carros. Com dois grandes pontos de extravasamento em partes por onde as equipes

MIGUEL NORONHA / ENQUADRAR / ESTADÃO CONTEÚDO / CP

Água passou por cima do dique da Fiergs e houve danos na estrutura, ainda não completamente contabilizados

já tinham passado e uma inundação descontrolada na outra ponta do dique que levava até mesmo parte da estrutura, a ordem foi de evacuação dos trabalhadores. Não havia segurança para continuar operando e, na pressa, uma escavadeira hidráulica foi deixada para trás. Enquanto as próprias equipes da prefeitura corriam para deixar o local, agentes da EPTC, da Polícia Civil, da Defesa Civil e soldados do Exército iniciaram a evacuação de quem estava próximo da Fiergs. Dois grandes mercados estavam abertos, com pessoas em compras. Sirenes, buzinas e gritos de "o dique rompeu" passaram a ecoar pela região. Enquanto os motoristas tentavam desviar, passando até mesmo sobre o canteiro central e calçadas, a água em correnteza ia invadindo tudo. Em poucos minutos isolou o acesso aos dois atacados.

Após o jornal compartilhar a informação reverberada pelos agentes que estavam no local, a prefeitura, por meio da rede social do Centro Integrado de Comando da Cidade, informou: "a estrutura não se rompeu. Ela está extravasando, assim que acontece desde a manhã. As equipes da Prefeitura permanecem no local e atuam na remoção e orientação de famílias, bem como monitoramento do dique".

INFOGRAFIA: LEANDRO MACIEL

CACHOEIRINHA
200 metros
Rio Gravataí
Av. Assis Brasil
Movimento da água
Freeway
Rio Gravataí
Água
Várzea do Gravataí
Várzea do Gravataí
Av. Assis Brasil
Dique
DIQUE DA FIERG
FIERGS

3 **O dique interno atrás da Fiergs** começa a ser pressionado devido à rápida subida da água, iniciando o extravasamento.

O extravasamento ocorre inicialmente em um **único ponto com maior entrada de água,** provocando o transbordamento do dique em direção à Av. Assis Brasil.

Durante o extravasamento, **a água danifica a estrutura de contenção** e abre fissuras dentro do dique.

4 Mais tarde, **com o surgimento de outros dois pontos de extravasamento,** os técnicos decidem suspender a operação de contenção e evacuar a região.

5 No sábado à tarde, dia 4/5, **a água inundou o pátio da Fiergs pelo ponto mais alto** e alagou o bairro Sarandi e a região circundante.

Quando o dique começa a romper devido à subida da água, a correnteza arrasta toda a estrutura de areia e pedra do talude provisório de 90cm para dentro do riacho. Isso acaba criando fissuras e comprometendo a integridade de toda a estrutura do dique.

Riacho
Correnteza
FIERGS
Dique da Fiergs
Fissuras
Arroio canalizado

Com novos ponto de transbordamento, a água, impulsionada por uma correnteza forte, continua a sua subida. Sem ser impedida, ela invade o terreno situado do outro lado do dique. Com a sua rápida progressão, em pouco tempo, a água atinge uma profundidade impressionante de 4 metros, transformando o pátio da Fiergs em uma extensão do próprio rio.

Correnteza
FIERGS
Dique da Fiergs
Riacho
Arroio canalizado

A postagem, contudo, não condizia com exatidão ao que acontecia naquele momento na zona norte de Porto Alegre. Se o rompimento completo não havia ocorrido, de qualquer forma o volume de água que invadiu a área era muito superior ao extravasamento registrado desde o início da manhã, e as equipes que atuavam no trabalho de contenção inclusive saíram por falta de segurança. Iniciou-se a evacuação completa e imediata de toda a área. Estes dois pontos foram não só testemunhados pelo **Correio do Povo** durante os acontecimentos quanto confirmados em entrevista na última semana pelo secretário municipal de Serviços Urbanos de Porto Alegre, Assis Arrojo.

"Nós decidimos parar de trabalhar porque estávamos nos colocando em risco. Havia outros pontos que estavam abrindo. Nós já tínhamos uma máquina que ficou (presa) do outro lado. Poderíamos perder mais, ou até mesmo nós ficássemos ilhados", relembra Arrojo, que esteve com as equipes sobre a estrutura do dique até o momento final da evacuação. Segundo ele, houve danos no dique. "Quando a água começa a passar, vai uma gota, 'carreia' e se não fechar rápido, leva todo o talude. Ali abriu um vão em cima. Fechamos com pedra agora (na quarta-feira, dia 22). Será preciso fazer um trabalho de recuperação dele baixando as águas. Todo o sistema tem que ser repensado", reconhece.

RICARDO GIUSTI



Dique do bairro Sarandi se rompeu em duas partes e correnteza que se formou destruiu casas de moradores, além de inundar região

No dia seguinte ao extravasamento maior, novas informações circularam no bairro sobre um possível rompimento. Com a água já emparelhada entre os dois lados da estrutura do dique da Fiergs, uma eventual abertura a partir daquele momento não alteraria o cenário de inundação completa na região. O reforço na estrutura, citado pelo secretário, ocorreu 18 dias depois da crise. No sábado seguinte, dia 25, um novo episódio de extravasamento ocorreu a partir do repique da cheia. Foi contido horas depois.

O drama na região não se resumiu à estrutura na Fiergs e maiores danos foram registrados no dique que corta o bairro Sarandi. A estrutura se rompeu em duas partes, com crateras de mais de 5 metros de extensão. A força da água destruiu casas e intensificou a inundação. A cheia alcançou o telhado das residências. Três vilas margeiam o dique e em muitos pontos moradias foram construídas sobre a estrutura. Após o episódio da enchente, a prefeitura de Porto Alegre negociou a retirada definitiva de moradores e as casas próximas que não foram levadas pelas águas começaram a ser destruídas.

Pelos danos expostos nos dois grandes pontos de rompimento no dique do Sarandi não é possível precisar em que momento houve o colapso. Mas o cenário deixado à mostra revela que a estrutura não suportou um evento do qual, ao menos no papel, foi projetado para conter. Mais do que isso: após o início do recuo das águas, os rombos abertos impedem o escoamento da região, uma vez que as bombas instaladas provisoriamente jogam a água no arroio que está cheio e é justamente pelos buracos no próprio dique que a água volta a tomar o bairro.

Mover cidades inteiras pode ser a solução?

Após enchentes no Rio Grande do Sul, a medida vem sendo analisada pelo governo do Estado como solução para regiões onde municípios foram completamente destruídos pelas cheias

POR FLÁVIA SIMÕES

As enchentes que varreram o Rio Grande do Sul já deixaram mais de meio milhão de gaúchos fora de suas casas. Entre desalojados e desabrigados, são 618 mil pessoas que sofreram com as chuvas que, há quase um mês, vem deixando estragos por onde passa. Eles se somam aos mais de 2 milhões de gaúchos que foram afetados de alguma forma pela fúria das águas, que invadiu cidades e devastou municípios inteiros. Ante esse problema, urge a necessidade de se pensar no pós: onde e, principalmente, como, essas centenas de pessoas irão retornar para suas vidas?

Diante disso, o poder público vem apresentando uma série de medidas, de cidades provisórias ao melhoramento dos sistemas de proteção contra cheias. No entanto, há municípios onde o rio insiste em tornar-se morada permanente. Finalmente ciente, o governo gaúcho apresentou uma ideia que, apesar de difícil de visualizar, talvez seja a única saída para prover um retorno em segurança: mudar cidades inteiras de lugar.

NELSON ALMEIDA / AFP / CP



Cidades como Roca Sales (foto) e Muçum enfrentaram três enchentes, uma pior do que a outra, no período de um ano

A medida não foi aprofundada pelo Piratini – que sequer citou os municípios, na ânsia de não gerar um alarde maior – mas já vem sendo encarada por pesquisadores como uma solução necessária para lidar com a nova realidade que se impõem, onde a intensidade dos eventos climáticos tende a crescer. Cidades como Roca Sales e Muçum, que enfrentaram três enchentes, uma pior do que a outra, no período de um ano, são a prova de que recomeçar do zero, de novo, já não parece uma solução plausível. No entanto, esse tipo de procedimento é complexo, caro e, por vezes, perigoso.

O deslocamento de municípios inteiros, por mais que pequenos, não é uma solução imediata. Apesar disso, "com os recursos de Brasília", como classificou o Eber Pires Marzulo, professor titular da Faculdade de Arquitetura e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano e Regional (Propur) da Ufrgs, pode ser feita em médio prazo – a depender das vontades políticas e da disposição de caixa. "Seria estabelecer um padrão de excepcionalidade histórica", classifica. Soma-se a isso o fato de que, para ser realmente bem sucedido, esse tipo de procedimento requer atenção redobrada às mudanças climáticas e um forte processo participativo.

Em casos como Muçum, exemplifica o professor, a cidade, que já tem mais de 60 anos, possui suas próprias comunidades e laços de vizinhança. Reestruturar todo esse sistema sem contar com os arranjos sociais já existentes e desconsiderando a opinião dos moradores que vivem e conhecem aquela terra é uma aposta no caminho errado.

"Processos participativos tendem a ser mais eficazes e eficientes. São mais eficazes porque eles ocorrem de modo mais rápido; e são mais eficientes porque funcionam melhor depois de prontos", explicou o professor, ao salientar a necessidade da participação da sociedade para a disposição de serviços, como hospitais, além do fato que os moradores conhecem as entranhas da terra onde vivem e, consequentemente, os seus problemas.

Logo, quando desconsiderada essa visão, frases como "é óbvio que a gente sabe que ali é um lugar que alaga" ou "é óbvio que a gente sabe que ali em tal lugar tem problema de deslizamento", como exemplifica o professor, seriam, via de regra, confirmadas. Ele reforça: "a orientação dada a partir das comunidades é mais eficiente e funciona melhor do que se for uma ação tecnopolítica".

Nesse sentido, Marzulo destaca exemplos a não serem seguidos, como o da cidade New Orleans, nos Estados Unidos, que teve de ser reconstruída após o Furação Katrina e agora sofre com a redução de mais 20% da sua população. Isso porque o processo de reestruturação não levou em consideração as diferentes classes sociais ali presentes. Inclusive, a consultoria responsável pelo replanejamento da cidade é a mesma que atuará em Porto Alegre, a empresa norte-americana Alvarez & Marsal.

CIDADES PROVISÓRIAS

A necessidade de compreensão dos arranjos sociais não se limita apenas ao possível deslocamento de cidades inteiras, mas também às alternativas pensadas a curto prazo, como a criação das cidades provisórias, medida já anunciada pelo governo do Estado, em especial quando falamos da Região Metropolitana. "A população que sofreu mais diretamente (nessa região) são as camadas populares em que as relações são muito territorializadas. As famílias, os compadrios e apoios ocorrem muito dentro do território, são muito fundados em relações de vizinhança, jogar essa relação em outro grupo em um espaço restrito, historicamente dá problema. No caso contemporâneo brasileiro, ainda tem o agravante das comunidades terem incidência das facções produzidas pelo encarceramento em massa, os conflitos (entre facções) já estão acontecendo nos alojamentos", conta Marzulo.

Outro ponto que merece destaque, na criação (ou deslocamento) de cidades ou na atualização e ajuste de sistemas contra cheias já existentes, é a força dos eventos climáticos, que tendem a se intensificar. Segundo o professor, as análises apresentadas pelos meteorologistas indicam que as chuvas devem vir com cada vez mais intensidade, logo, as cheias tendem a ser mais severas.

Assim, quando se pensa no deslocamento de um município ou na modernização de um sistema de proteção é preciso projetar visando futuros eventos severos. Apesar disso, é possível aprimorar métodos e erguer cidades resistentes o suficiente, desde que pensados tecnicamente para respeitar o meio ambiente e feitos por processo democrático.

Brasil em destaque no 'streaming'

Uma aposta que vale ser acompanhada é a da Netflix, além de estreias esperadas, com uma série de filmes brasileiro s na plataforma

POR MARCOS SANTUARIO

EUROPA FILMES / DIVULGAÇÃO / CP



O elogiado "Central do Brasil" é um dos filmes que entra no catálogo da Netflix em junho

Para os amantes do cinema mundial, a Netflix preparou para este sexto mês do ano alguns lançamentos especiais. Nesta lista estão a terceira e última temporada da série "Sweet Tooth" e o filme de ação "Alerta de Risco", estrelado por Jessica Alba. Tem ainda, no catálogo de séries, a segunda parte da terceira temporada de "Bridgerton", a parte 2 de "That '90s Show" e o primeiro ano da produção coreana "Hierarchy".

Mas o destaque mesmo é a introdução na lista do *streaming* de algumas das produções nacionais que marcaram história no audiovisual brasileiro, como parte da comemoração "Simplesmente Dia do Cinema Brasileiro", em 19 de junho. Neste dia entram na Netflix alguns títulos muitos especiais da cinematografia nacional.

Entre eles está o já clássico "Central do Brasil", de Walter Salles Jr., de 1998, estrelado por Fernanda Montenegro e Vinícius de Oliveira. A força da personagem Dora, intensificada pelo talento de Fernanda, fizeram desta professora aposentada, um retrato de acolhimento e vida, como escritora de cartas para pessoas analfabetas na Estação Central do Brasil. A força da narrativa se complementa com o jovem Josué, um garoto cuja mãe morreu atropelada por um ônibus, e que tenta encontrar seu pai no Nordeste. O longa teve sua pré-estreia mundial na Suíça, foi exibido no Festival Sundance de Cinema nos EUA, e foi lançado no Brasil em janeiro de 1998. A interpretação de Fernanda Montenegro foi aclamada pelos críticos e imprensa nacionais e internacionais e rendeu-lhe uma indicação ao Oscar na categoria de Melhor Atriz. Tornou-se a primeira latino-americana, a única brasileira e a única atriz já indicada ao prêmio por uma atuação em língua portuguesa. Foi indicada ao Globo de Ouro. Em seu lançamento no Festival Internacional de Cinema de Berlim o filme levou o Urso de Ouro de Melhor Filme e o de Prata de Melhor Atriz. Em novembro de 2015, a obra entrou na lista dos 100 Melhores Filmes Brasileiros de Todos os Tempos, da Associação Brasileira de Críticos de Cinema.

VARIADOS

Outras produções que entram na plataforma para homenagear o cinema brasileiro são também importantes. "Rio, 40 Graus" mostra um dia na vida de cinco garotos de uma comunidade que, em um domingo carioca de sol escaldante, vendem amendoim em Copacabana, no Pão de Açúcar e no Maracanã. Já "São Paulo S/A" está contextualizada no final dos anos 1950, quando um jovem de classe média se torna gerente de uma fábrica de autopeças. Insatisfeito e sem perspectivas de mudança, decide fugir. Outro clássico na relação é "Vidas Secas", quando a vida dura de uma família enfim parece melhorar e o destino os derruba de novo e coloca em risco sua sobrevivência. Do universo dos documentários estão os elogiados "Jogo de Cena", "Últimas Conversas", "Santo Forte", "A Luz do Tom", "Entreatos", "Uma Noite em 67", "As Canções", "Filhos de João: O Admirável Mundo Novo Baiano", "Mamonas Pra Sempre" e "No Intenso Agora". Para finalizar, a lista tem ainda "A Ostra e o Vento", de Walter Lima Jr.; "Terra Estrangeira", de Daniela Thomas e Walter Salles; "Mutum", de Sandra Kogut; e o atual e premiado "Pacarrete", de Alan Deberton, com Marcélia Cartaxo, que dá vida a uma bailarina idosa, considerada louca, que vive em Russas, no Ceará, uma cidade do interior. Não poderia faltar o clássico mundializado "A Dama da Lotação", de Neville D'Almeida, com a potente Sônia Braga, mostrando, com os demais títulos, a força narrativa e a criatividade do cinema feito no Brasil em diferentes épocas.



Luiz Gonzaga Lopes

@luizgonzagalopes_

História do teatro em Canela

Canela, cidade conhecida por sua rica história e encantadora cultura, será palco do início das gravações do documentário "A História do Teatro em Canela", no Teatro Municipal, popularmente chamado de "Teatrão". Com texto e direção de Lisiane Berti, a produção promete revelar o quanto as artes cênicas sempre estiveram presentes no contexto da comunidade canelense desde os anos 1920. Desde os saraus nas antigas casas coloniais até talentosos professores que despertavam o amor pelo teatro nos jovens, a cidade consolidou-se como um berço de talentos. Grupos de amigos de teatro se formavam, escolas abraçavam a arte e o resultado era um fervor pela cena teatral. O Festival Internacional de Teatro de Bonecos e o Festival de Teatro são eventos que marcaram época em Canela. Infelizmente, hoje são extintos, mas deixaram grande legado. Com depoimentos, registros históricos e curiosidades, o documentário pretende resgatar essa trajetória. Personalidades como Glenda Viezzer, Nilda de Athaides, os bonequeiros Bete Bado e Charles Leão Rodrigues, os historiadores Olmiro dos Reis e Marcelo Veeck participam com depoimentos. Viabilizado pelo edital 09/2023 da Lei Paulo Gustavo de Canela, o documentário promete ser um marco na valorização do teatro e da cultura local.

PAULA VINHAS / DIVULGAÇÃO / CP



Personalidades do teatro em Canela, como Glenda Viezzer, dão seus depoimentos no documentário que tem suas gravações iniciadas

Arte pelo 4º Distrito

Diante da tragédia ambiental imposta ao Rio Grande do Sul, o artista plástico Cláudio Ramires doou duas obras de arte que serão leiloadas em prol da comunidade do 4º Distrito de Porto Alegre. As ações de ajuda ocorrerão através da Aamac - Associação dos Amigos do Museu de Arte Contemporânea do RS. A primeira obra, "Caramelo", foi pintada sobre chapas de zinco em alusão ao material do telhado onde o cavalo resistiu até ser resgatado depois de quatro dias. A segunda obra, "Guedali" aponta para reconstrução dos jardins do RS e foi inspirada no livro "O Centauro no Jardim", de Moacyr Scliar, musicado por Hique Gomez. O leilão online será realizado na segunda-feira, dia 3 de junho, a partir das 20h. Já está aberto e recebendo os lances. Mais detalhes pelo www.pestanaleiloes.com.br.



roteiro de domingo


BOYAN TOPALOFF / DIVULGAÇÃO / CP

Francesa Muriel Barbery na quarta em Porto Alegre

A renomada romancista e filósofa francesa Muriel Barbery será a próxima conferencista do Fronteiras do Pensamento. Ele realiza conferência nesta segunda, 3 de junho, em São Paulo, e na quarta, dia 5, às 19h45min, ela fala em Porto Alegre, no Teatro Unisinos (Nilo Peçanha, 1600). A temporada aborda o tema "Quem está no controle?", que parte do espectro da Inteligência Artificial e aborda economia, política e meandros humanos, como o existencialismo de Barbery.

Na bagagem, a escritora traz seu lançamento "Uma hora de fervor" (2024), que elabora uma história sobre laços de afeto em variadas formas. O romance é uma espécie de díptico de "Uma Rosa Só" (2022), obra escrita após a uma temporada sabática da escritora no Japão, em Kyoto, entre cravos, azaleias e cerejeiras. A moderação será da psicanalista Maria Homem. Antes de se dedicar à literatura, a filósofa autora de "A Elegância do Ouriço" (2006) passou 15 anos nas salas de aula do IUFM de Saint-Lô e da Université de Bourgogne, onde desenvolveu as bases do existencialismo que hoje permeia a sua ficção.


CHRISTIANO LELÉ / ARQUIVO PESSOAL / CP

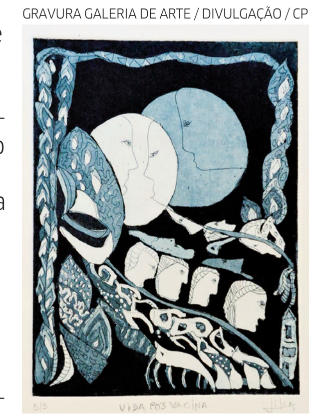
João Rock será no dia 8

O João Rock terá a 21ª edição no dia 8 de junho em Ribeirão Preto (SP), com mais de 30 atrações nacionais em quatro palcos. Amante do rock nacional e fã desde a 1ª edição em 2002, o jornalista Cristhiano Lelé, de Jardinópolis/SP considera-se parte da história do evento. Em 2003, ele conheceu os integrantes do Paralamas do Sucesso com seu filho Herbert (foto). Entre as atrações do festival estão Lulu Santos, Paralamas, Djavan, Emicida, Duda Beat, Djonga, Pitty e Novos Baianos e Maria Gadú. Mais: @festivaljoaorock.



'Arte Salva' na Gravura

Como forma de ajudar o Rio Grande do Sul, a Gravura Galeria de Arte lançou a exposição "Arte Salva". A iniciativa, que funcionava em ambiente virtual, agora também ocorrerá presencialmente. A partir de 6 de junho, obras de 46 artistas estarão expostas na Gravura (Corte Real, 647), com 50% da renda revertida para ajudar os atingidos pelas chuvas no Estado. Dentre os artistas estão: Arminda Lopes, Clara Pechansky, Erico Santos, Lilia Manfroi (foto), Ivan Pinheiro Machado e Lou Borghetti. Fica aberta até 29 de junho


GRAVURA GALERIA DE ARTE / DIVULGAÇÃO / CP



palavras cruzadas

Tratamento dentário / Garante de 4 a 6 meses à mãe, com pagamento do salário, para cuidar do bebê / Construção de Dédalo / A capital peruana / Conteúdo do Kindle / (?) do Dragão: 2024, para a China / Estado das cidades de Ariquemes e Vilhena / Rumor / Unidade da mão de obra / Marco da preparação do Mundial de 2014, assinado por Dilma em 2012 / Forma de Literatura / Ainda, em espanhol / Ínfimo / "Casinha" feita por crianças / "(?) Amanhã", música de Noel / Nivea Stelmann, atriz fluminense / Maior atração da Festa de Parintins / Inferno, em inglês / Nêutron (símbolo) / O mais frequente distúrbio do sono / Letra sagrada para os maçons / (?). do A.: Nota do Autor / O maior dos cervídeos / Ofegar / Ordem do cineasta / Leito rústico / "Arma" do Homem-Aranha (Cin.) / Órgão auxiliado na hemodiálise / Navegador da Microsoft (sigla) / Peixe dotado de ferrão na cauda / Ditador cubano (1959-2008) / Senhor / Operação policial / O azul da Bandeira / (?) house: provê acesso à internet / Revista semanal de notícias / Sindicato, em inglês / Objeto de estudo da Ontologia (Filos.) / Carnaval de (?), atração de Olinda / "Cão danado, todos a (?)" (dito) / Corrida como o Dakar / Possuir / Nicolas Cage, ator de "O Peso do Talento" / Jornada / Coleção de histórias curiosas / A dieta típica do militante ecologista / Dia (?): 6 de junho de 1944 (Hist.) / (?) voador: óvni / Celular (abrev.) / Primeiro ângulo da figura geométrica

BANCO 3/até — aún. 4/hell. 5/arfar — canal — cerco — union. 8/rondônia. 9/labirinto. 11/trabalhador.

65



SOLUÇÃO DE SÁBADO

TELEVISÃO DE DOMINGO

2 | RECORD RS
07h00 Santo Culto
08h30 Iurd
09h00 Trilegal Tchê
10h00 Trilegal
11h00 Pica Pau
12h15 Todo mundo odeia o Chris
14h00 Cine Maior
15h30 Hora do Faro
18h00 Canta Comigo
19h45 Domingo Espetacular
23h00 A Grande Conquista
23h45 Câmera Record

18 | RECORD NEWS
07h00 Brasil Caminhoneiro
07h30 Hora News
08h00 Agro Record News
09h00 Estado de Excelência
09h30 Agro, Saúde e Cooperação
10h00 Momento Moto
10h30 Hora news
12h30 Câmera Record News
13h30 Hora News
14h00 Câmera Record
15h00 Hora News
15h30 Doc Investigação
16h30 Ressoar
17h30 Record News Investigação
18h20 Record News Séries
19h00 Soltando os Bichos
19h30 Aldeia News
20h30 Record News Repórter
21h30 Câmera Record
22h30 Domingo Espetacular

4 | PAMPA
07h00 Pampa Show
09h00 Programa Religioso
10h00 Tri Legal
11h00 SOS Rio Grande do Sul
17h00 Geral do Povo - ao vivo
20h15 João Kleber Show
23h00 Pampa Show
23h30 Mega Senha - reprise

5 | SBT
06h00 SBT News na TV
07h00 Pé na Estrada
07h30 SBT Agro
08h00 SBT Sports
09h00 Notícias Impressionantes
09h20 Anonymus Gourmet
09h45 Na Beira do Fogo com El Topador
10h15 MasBah!
11h00 Sorteio da Tele Sena
11h15 Domingo Legal
15h30 Eliana
19h15 Roda a Roda Jequiti
20h00 Programa Silvio Santos
00h00 Brooklyn Nine Nine

7 | TVE
06h30 Universidades na TVE
07h00 Cantos do Sul da Terra
08h00 Rio Grande Rural
09h00 Agronacional
10h00 Canto e Sabor do Brasil
11h00 Liga de Basquete Feminino
13h00 Samba na Gamboa
14h00 Mashup à Brasileira
14h30 Sessão de Cinema
15h45 Série B Chapecoense x V. Nova
18h15 Série B Ituano x Avaí
20h30 No Mundo da Bola
21h30 Caminhos da Reportagem
22h00 Cantos do Sul da Terra
23h00 Arraiá Brasil – Campina Grande

10 | BAND
06h00 Band Kids os Chocolix
07h00 Entre Emigos
08h00 Band Motores
08h30 Boca no Trombone
09h00 Trilegal Tchê
10h00 Alma: Futebol Brasileiro
10h30 Viva Sorte
12h00 Show do Esporte
15h45 Campeonato Brasileiro Série B - ao vivo - Ponte Preta x CRB
18h00 Apito Final
20h00 Perrengue na Band
22h00 Top Cine
23h30 Canal Livre
00h30 Nascar Cup Series

12 | RBS
06h00 Galpão Crioulo
07h20 Pequenas Empresas & Grandes Negócios
08h05 Globo Rural
09h25 Auto Esporte
10h00 Esporte Espetacular
12h30 Temperatura Máxima
14h20 Domingão com Huck
15h40 Futebol
18h10 Domingão com Huck
20h30 Fantástico
23h35 No Corre Partiu Entrega
00h20 Domingo Maior

POTI SILVEIRA CAMPOS/ESPECIAL

CR
correio do povo rural
rural@correiodopovo.com.br
Ano:41 Número: 2.130

Lavouras da Capital foram 60% atingidas

Avaliações realizadas até o momento pela Emater/RS-Ascar indicam também a ocorrência de sérios prejuízos às famílias de pescadores das colônias Z4 e Z5, estabelecidas nos bairros da zona sul de Porto Alegre

POTI SILVEIRA CAMPOS

Porto Alegre está entre as capitais do Brasil com maior zona rural consolidada geograficamente, superando os 7 mil hectares, de acordo com Censo Agropecuário realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2017. O desastre climático que se iniciou no final de abril, e tomou proporções gigantescas ao longo de maio, não poupou os agricultores porto-alegrenses com plantios no extremo sul da cidade. A produção de hortaliças, em especial as folhosas (como as alfaces e couves), a fruticultura e a piscicultura estão entre as atividades da agricultura familiar mais atingidas pelas chuvas e inundações, perdas que incluem também a morte de animais de criação.

De acordo com dados da Emater-RS/Ascar, mais de 60% da agropecuária da Capital foi comprometida pelo fenômeno climático. "As perdas, agora, são muito maiores. Na época, era em torno de 60%. Agora, muitos têm cem por cento de perda", diz o chefe do escritório da Emater-RS em Porto Alegre, Luís Paulo Vieira Ramos. Ele compara a situação atual com aquela verificada depois do excesso de chuvas ocorrido em setembro e novembro do ano passado. Segundo Ramos, o que não tem faltado à Emater são relatos de lavouras completamente destruídas e produção com previsão de interrupção por meses na região.

Os problemas afetam inclusive propriedades localizadas em terrenos mais altos e protegidas por mata nativa. Na área do Extremo Sul, por exemplo, onde está concentrada mais de 80% da atividade agrícola de Porto Alegre, uma produtora de banana, maracujá e hortaliças nada terá a oferecer antes de três semanas, de acordo com o gestor. Os prejuízos afetam inclusive os tubérculos. "Quem não conseguiu colher batatas e aipim, e congelar, perdeu", afirma Ramos.

Produtores maiores, de áreas próximas ao Arroio Manecão e ao Arroio Lami, tiveram lavouras inundadas. Um dos casos mais dramáticos ocorreu em região geograficamente oposta, às margens da BR-290, nas proximidades do acesso a Cachoeirinha, onde uma plantação de arroz e maquinário como tratores e colheitadeiras foram totalmente perdidos. Na mesma fazenda, cerca de meia centena de bovinos morreram afogados. "Até caminhão ficou debaixo d'água ali", diz Ramos.

Em Belém Novo, pelo menos 80% da área de lavoura de soja foram arrasados. "Se conseguir colher alguma coisa, o grão não vai prestar", prevê. Porto Alegre, que tem cerca de 500 hectares de soja cultivados, conseguiu desempenhos de colheita superiores ao restante do Rio Grande do Sul nas duas safras que o Estado semeou sob estiagem.

Em todo o Rio Grande do Sul, a agricultura sofre o impacto negativo da longa temporada chuvosa e de alagamentos. Mesmo em ambientes protegidos (exemplo das estufas, o desenvolvimento do plantio está seriamente prejudicado pela elevada umidade e a baixa luminosidade. "Com toda essa umidade no solo, mais os dias sombrios, a planta acaba adoecendo. A perda não acontece no momento, mas, três ou quatro dias depois ela tomba", explica Luiz Ramos. Outro problema é a impossibilidade de realizar o manejo das áreas para a reconstrução de canteiros na maior parte do período. Os agricultores estão verificando perdas de solo, nutrientes e matéria orgânica.

CESAR LOPES / PMPA / DIVULGAÇÃO/ CP



Famílias que dependem das atividades da pesca perderam tudo na região das ilhas e na zona sul de Porto Alegre, inclusive residências e barcos **(leia mais na página 3)**

O presidente da Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana (RAMA), Eduardo Gigante, acrescenta, ao conjunto de adversidades, problemas decorrentes do desequilíbrio entre oferta e demanda. "Ou a pessoa tem mercado, mas não tem produto, como é a situação das hortaliças, ou tem o produto, mas não tem onde ou para quem vender", analisa.

O próprio Gigante enfrenta a dificuldade comercial, sem encontrar colocação para boa parte das 2,2 mil dúzias de ovos que disponibiliza mensalmente. Para ele, a diminuição da demanda por alimentos reflete a debandada de uma parcela da população de Porto Alegre para outras cidade, para escapar de problemas como falta de água e energia elétrica. Na Central de Abastecimento (Ceasa) do Rio Grande do Sul, funcionando temporariamente em Gravataí, problemas logísticos ainda dificultam a chegada de alimentos ao local.

POTI SILVEIRA CAMPOS/ ESPECIAL

O agricultor Vasco Machado, do bairro Lami, chegou a replantar parte dos cultivos orgânicos que perdeu, mas com novas enxurradas na penúltima semana de maio acabou vendo o trabalho feito ser novamente levados pelas águas da chuva

Perda total nos cultivos de alimentos orgânicos

Desabastecimento deverá afetar as feiras especializadas, distribuídas pelos bairros de Porto Alegre, e oferta deste tipo produtos nas gôndolas das redes de supermercados tanto na Capital como em outros municípios

EMBRAPA HORTALIÇAS/DIVULGAÇÃO/CP



Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana (RAMA) afirma que prejuízos podem deixar agricultores até 45 dias fora das feiras

Estabelecido em uma área de 12 hectares, no bairro Lami, no Extremo Sul de Porto Alegre, o produtor de alimentos orgânico Vasco Machado, 58 anos, considera-se um privilegiado. Ainda que tenha previsão de renda muito reduzida num período que pode chegar a 60 dias, ele comemora já ter sido possível retomar a atividade agrícola que desenvolve na Granja Santantonio, desde o início das chuvas no começo do mês. "Vizinhos meus sequer conseguem entrar em suas áreas, ainda inundadas", afirma, salientando a localização da sua propriedade, construída em terreno mais elevado.

Na granja, foram as chuvas e a falta de luminosidade, e não a enchente, que provocaram a perda de cerca de 250 quilos de batata e das lavouras de couve e de berinjela. A catástrofe climática interrompeu ainda a principal fonte de rendimento de Machado, o turismo rural, com o qual chegou a atrair, por ano, "nos bons tempos", entre três mil e quatro mil estudantes de todos os níveis de ensino, para atividades pedagógicas. Na propriedade, reside a família, que soma sete pessoas, e trabalham três funcionários. Outros dois colaboradores atuam com Machado na Feira Ecológica do Bom Fim, que se realiza todos os sábados na Avenida José Bonifácio, ao lado do Parque farroupilha. Parte da produção da família também é destinada ao Programa de Aquisição de Alimento, que atende em grande parte a merenda escolar.

As mudas recém plantadas na Granja Santantonio devem oferecer seus primeiros frutos em pouco mais de trinta dias, no caso da rúcula. Em 45 dias, a expectativa é voltar a colher alface. Couves, em 60 dias, exceto a variedade de Bruxelas, que demanda oito meses de cultivo. Beterrabas estarão disponíveis em três meses. A granja produz ainda noz-pecã e limões das variedades taiti e siciliano, que não sofreram danos com o alto volume de chuvas.

Na avaliação do presidente da Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana (RAMA), Eduardo Gigante, as lavouras orgânicas da região sofreram perdas "muito próximas a 100%". "Esse pessoal não tem nada. Tem produtores estimando ficar 45 dias fora das feiras, por não ter o que ofertar. As pessoas dependem da sua produção, dependem da sua comercialização para se manter. É um baque violento", complementa Gigante, destacando a destruição de lavouras orgânicas em outros municípios, como Eldorado do Sul, que teve quase totalidade do território submerso.

Machado acredita que poderia ter avisado seus vizinhos sobre a intensidade das chuvas. O produtor diz haver percebido mudanças no comportamento da fauna da Granja Santantonio, antes das fortes precipitações, principalmente com formigas e pássaros. "Tem formigas aqui, claro, mas elas vivem ali, e não atacam a lavoura", afirma, apontando para a mata nativa que cerca a área plantada. "Nos dias anteriores à chuva, elas começaram a aparecer nas hortaliças. Eu nem sabia o que fazer, pois nunca enfrentei isso", relata. Para o agricultor, o aparecimento do inseto estaria associado à necessidade de acumular maior volume de alimento, ao pressentir a aproximação da intempérie. Entre os pássaros, Machado sentiu falta de uma espécie de cerca de meio metro de comprimento e plumagem predominantemente marrom, típico das matas. "O aracuã sumiu", diz.

Pouco mais de uma semana depois da reportagem do Correio do Povo visitar a Granja Santantonio e conversar com Vasco Machado, chuvas fortes voltaram a cair sobre Porto Alegre. Na noite do dia 23 de maio, em mensagem por WhatsApp, o produtor foi breve: "Agora, perdi tudo que havia replantado".

Colônia de pescadores contabiliza prejuízos

Fernando Silva de Deus é um dos trabalhadores da pesca que perdeu tudo com a enchente, desde os apetrechos para a atividade até dois barcos, um deles de nove metros e avaliado em R$ 15 mil, o qual tem esperança de recuperar

Cerca de 250 famílias das Colônias de Pescadores Z4 e Z5, que compreendem, respectivamente, os bairros Lami, Belém Novo e Arquipélago, tiveram suas residências invadidas pela enchente. As águas também levaram equipamentos de trabalho, desde redes de pesca a freezers e, estimam-se, pelo menos cem barcos. "Não sabemos ainda o número exato, pois os pescadores se espalharam. Tem gente em Águas Claras, tem gente em várias cidades do Litoral", explica o chefe do escritório da Emater-RS em Porto Alegre, Luís Paulo Vieira Ramos.

"A maioria dos barcos é de chapa metálica. São resistentes, mas numa corrente de água muito forte, acabam afundando e desaparecendo. O canal do Jacuí produz uma correnteza muito forte na Ilha da Pintada", descreve o extensionista. A água avançou ainda sobre o entreposto da Colônia Z5, na Ilha da Pintada. Ramos calcula um prazo provavelmente superior a dois meses para que a atividade possa ser reiniciada. Um dos pescadores da Z5 com patrimônio destruído pela enchente é Fernando Silva de Deus, 40 anos, que não se afastou da região depois de ter a casa arrasada pelas águas do Rio Jacuí. Silva e a família, a mulher e dois filhos, estão acampados às margens da BR-116, no acesso à ilha junto à rodovia.

Além da residência, o pescador perdeu dois barcos e todos seus apetrechos de pesca. "Perdi tudo. Só de material para fazer novas redes foram uns R$ 5 mil", calcula. Silva tem esperança de recuperar o barco maior, de nove metros, orçado em cerca de R$ 15 mil. Levada pela correnteza, a embarcação naufragou nas proximidades da Ponte da Ilha, uma travessia sobre um braço do Jacuí em uma das principais vias da Ilha da Pintada, e estaria preso à estrutura da construção. "Ainda bem que não afundou", diz.

Além da necessidade de retorno e de restabelecimento das famílias, é preciso esperar que o Lago Guaíba e a Lagoa dos Patos fiquem livres de detritos, lama e que a correnteza volte ao normal. Para Silva, outra dificuldade serão as piranhas que se tornaram abundantes no Guaíba antes mesmo da catástrofe climática, causando grandes prejuízos aos pescadores. De acordo com Luiz Ramos, cada família responde por uma produção que varia entre quinhentos quilos e duas toneladas de pescado por mês. "No total, dá em entre 500 toneladas e 700 toneladas", diz.

CAMILA CUNHA



Fernando acampou com a família, a esposa e dois filhos, às margens da BR-116, no acesso à Ilha da Pintada junto à rodovia, e garante que só em material para a confecção de novas redes perdeu cerca de R$ 5 mil

Mapa monitora atendimento de seguradoras

Ministério da Agricultura e Pecuária quer que os 3 mil produtores que já comunicaram sinistro recebam das empresas atuação ágil em suas demandas, no que conta com apoio da Federação Nacional de Seguros

Uma das grandes preocupações diante das perdas volumosas das enchentes no Rio Grande do Sul é a possibilidade de o produtor protegido pelo Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) conseguir receber a quantia que será fundamental para o reerguimento de sua propriedade. Desde o início dos eventos climáticos extremos, no final de abril, o Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) está monitorando a atuação das seguradoras habilitadas no PSR. Do total de 16 mil apólices comercializadas no Estado para as principais culturas de verão (arroz, milho e soja), cerca de 3 mil já estão com aviso de sinistro até o momento.

Segundo o diretor de Gestão de Riscos do ministério, Jônatas Pulquério, o acompanhamento é importante para se ter um panorama das consequências nas lavouras seguradas. "Nossa preocupação, neste momento, é que o produtor que contratou o seguro seja atendido da melhor maneira possível", disse.

Conforme a Federação Nacional de Seguros Gerais (Fenseg), as seguradoras que operam no ramo de seguro rural estão adotando procedimentos emergenciais e reforçando suas estruturas de atendimento regional para oferecer a melhor assistência aos segurados no Rio Grande do Sul. A entidade ressalta que a situação real de perdas ainda não é conhecida em toda a sua amplitude, pois muitos segurados ainda não fizeram seus comunicados, mesmo em zonas onde se sabe que aconteceram inundações. A dificuldade de comunicação, comprovação e apuração também está sendo afetada pela impossibilidade de vistorias e pelo extravio de documentos nas enchentes. No entanto, a federação destaca que, para as comunicações recebidas, as seguradoras já estão enviando peritos para regular os sinistros a campo.

Para suprir essa necessidade de profissionais durante a tragédia climática e realizar com celeridade as vistorias, estão sendo deslocados peritos agrícolas de outras regiões para o Rio Grande do Sul. A Fenseg esclarece, contudo, que os procedimentos para a requisição de perícia continuam os usuais e que devem ser observados os critérios de viabilidade de acesso aos locais afetados.

AGROEFFECTIVE/DIVULGAÇÃO/CP



Entidade que congrega seguradoras tem deslocado peritos agrícolas de outros estados para acelerar trabalho no Rio Grande do Sul

Sobre a documentação exigida para a regulação de sinistro, como é o caso das notas fiscais guardadas pelo agricultor na aquisição de insumos, as seguradoras e seus comitês internos estão avaliando como flexibilizar a apresentação desses comprovantes.

O especialista em direito agrário Francisco Buss esclarece que para comunicar o sinistro o produtor deve providenciar laudo técnico e comunicar formalmente à seguradora conforme previsto na apólice. A colheita não deve ser iniciada ou reiniciada antes da vistoria, porém, caso o produtor, diante da demora da seguradora e por questão de urgência seja obrigado a prosseguir a colheita antes da vistoria, Buss aconselha as seguintes providências: laudo agronômico de constatação das perdas, antes da colheita, com anotação de responsabilidade técnica e comprovação da comunicação à seguradora. "Lembrando que há decisões judiciais que asseguram o direito à indenização nestas situações, desde que o produtor tenha prova documental dessas providências fundamentais", destaca o advogado.

COTAÇÕES & MERCADO

PREÇOS AO PRODUTOR (em R$) – Emater

Produto	Unidade	Mínimo	Médio	Máximo
Arroz em casca	saco 50 kg	100,00	8,34	8,30
Boi gordo	kg vivo	7,95	7,15	8,00
Búfalo	kg vivo	6,00	7,66	510,00
Cordeiro p/ abate	kg vivo	7,00	248,75	73,00
Feijão	saco 60 kg	160,00	57,34	131,00
Milho	saco 60 kg	54,00	123,09	5,40
Soja	saco 60 kg	119,00	5,12	67,00
Suíno	kg vivo	4,55	65,56	7,75
Trigo	saco 60 kg	64,00	7,27	
Vaca	kg vivo	6,97		Semana de
			120,00	27/05/2024
		113,15	9,50	a

31/05/2024

BRASIL

Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	10.033,3	10.495,1
Feijão	3.040,6	3.325,7
Milho	131.865,9	111.635,8
Soja	154.617,4	147.684,8
Trigo	10.817,5	9.082,5

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	1.479,6	1.574,9
Feijão	2.693,6	2.866,5
Milho	22.267,4	20.818,3
Soja	44.075,6	45.733,2
Trigo	3.450,5	3.874,4

RIO GRANDE DO SUL

Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	6.934,4	7.274,1
Feijão	72,7	84,0
Milho	3.731,8	5.131,4
Soja	13.018,4	21.431,2
Trigo	5.732,6	4.187,0

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	862,6	900,6
Feijão	47,6	48,5
Milho	831,5	814,9
Soja	6.555,1	6.764,9
Trigo	1.454,6	1.342,0

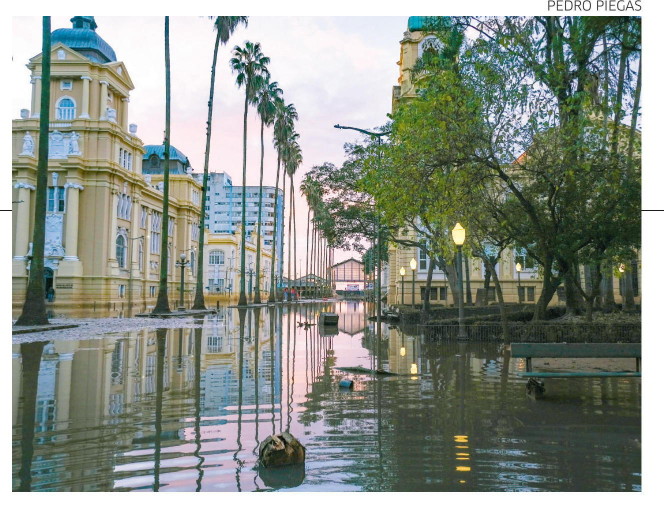
Dados do 8° Levantamento de Safra 2023/2024 da Conab



CAMPEREADA

PAULO MENDES
pmendes@correiodopovo.com.br

PEDRO PIEGAS





Os dias passam, o rio começa a baixar, muitos seguem desabrigados, a esperança recua e volta.

Notícias da enchente

Paulinha olha para meus dedos trêmulos e tenta me ajudar: "Pai, te acalma, deste jeito tu só vai piorar as coisas". Acabávamos de deixar nossa casa na Luiz Afonso. Era uma segunda-feira. Após o desligamento de duas casas de bombas, a prefeitura orientou a população dos bairros Cidade Baixa e Menino Deus a evacuar as casas. A volta até a Lima e Silva, a poucas quadras, demorou uma hora. Eram buzinas, carros sobre as calçadas, gritos, choros, gente correndo desesperada. Um filme de terror.

À noite, jantando no apartamento da vizinha Rosane, acabou a luz. Tínhamos ido para nosso primeiro apartamento que hoje alugamos, mas que por sorte estava sem inquilino. Na hora, achamos que podíamos ficar acampados lá. Naquela noite ninguém dormiu. Conosco, eu, Paulinha e Silvana, estava a amiga Bárbara, que mora no Menino Deus. A água lá havia subido rápido, já tinha invadido os apartamentos térreos e as casas.

Terça-feira pela manhã fomos ver a situação na casa da Luiz Afonso. A água tinha passado a José do Patrocínio e vinha escorrendo lentamente pela sarjeta. Pegamos mais umas roupas, levantamos alguns móveis, tentei colocar a salvo alguns livros. O coração batia forte, nunca tinha passado por nada parecido. A possibilidade de perder tudo era real e palpável. Decidimos ir para a casa de minha sobrinha Marieli, no Partenon. Precisava ir para um lugar com luz e internet porque estava trabalhando on-line. O prédio do Correio do Povo havia sido alagado na sexta-feira.

Final do dia. Os telejornais mostravam as ruas do nosso bairro sendo tomadas pela enchente que vertia de varios bueiros. Nossa cachorrinha Lulu estava conosco, mas o gato tinha ficado solto. Comecei a pensar nele e, sonolento, cansado, vi um vídeo da cheia chegar à nossa casa. Fui para o quarto e comecei a chorar. Silvana viu, Paulinha viu e tentei me controlar. Senti que eu estava com a pressão alta. Outra noite insone.

Quarta-feira, acordei com Silvana dizendo que a água havia recuado. Levantamos às pressas e fomos conferir. Era verdade, a força de nossas orações, ou a sorte, havia nos sorrido. Decidimos ir para o Litoral. Achávamos que, na praia, eu poderia trabalhar, caminhar no calçadão, esfriar a cabeça. Contudo, lá chovia o tempo todo e a agonia também não acabava.

Quarta da outra semana. Chegamos de volta na casa da Luiz Afonso. Nico havia sido alimentado pelos vizinhos, mas estava miando muito. Desolados, vimos as duas geladeiras da casa com tudo podre dentro. Fomos para um hotel na André da Rocha e, no outro dia, tomamos café agoniados. Decidimos voltar para casa, fazer um almoço e aguardar que a Equatorial religasse a luz. Chovia fino e havia um caminhão na esquina. Enquanto limpávamos a geladeira ouvimos um alarido. Voltara a luz. A vida recomeçava, enfim. Choramos de alegria por nós e de tristeza pelos outros que seguiam sem luz, sem água, sem nada. Era um recomeço. Mas não imaginávamos que nada havia terminado ainda. Os dias seguintes mostraram isso.

Os dias passam, o rio começa a baixar, muitos seguem desabrigados, a esperança recua e volta. Mas somos gaúchos, o sol aparece e nos preparamos para novas peleias. Que o campo de batalha seja seco.